

ELIZABETH TEIXEIRA – MULHER, MÃE E MILITANTE

Org. Isabelle Mendes

Texto organizado a partir da história oral e de vida de Elizabeth Teixeira e estudos sobre as Ligas Camponesas na Paraíba. Objetivamos socializá-lo aos sujeitos históricos deste tempo e sistematizar a memória subversiva do campo.

Aos lutadores e lutadoras das Ligas Camponesas que tombaram na Luta. À Dona Elizabeth Teixeira pela ousadia na caminhada de sua vida severina. Aos companheiros... Douglas, George, Wyliana e Alder Júlio que regaram esta semente de sistematização.

Fevereiro, 2011

SUMÁRIO

I. Contextualização sócio-histórica das Ligas Camponesas.....	3
II. Importância das Ligas Camponesas da Paraíba no Nordeste.....	5
III. Mulher, Mãe e Militante.....	6
Referências	

ELIZABETH TEIXEIRA – MULHER, MÃE E MILITANTE

I. Contextualização sócio-histórica das Ligas Camponesas

Nossas lutas por Reforma

Têm mais quinhentos anos

Índios, Negros, Camponeses

Pelejando contra insanos

Desde os anos de quarenta

Nossa Gente então enfrenta

Do sistema tristes planos¹

As primeiras Ligas Camponesas, no Brasil, foram criadas pelo Partido Comunista Brasileiro ainda na década de 40 com a finalidade de mobilizar as massas agrárias contra o latifúndio e o imperialismo, tendo sido sempre reprimidas. No entanto, o cenário político-social de efervescência das mesmas se deu entre os anos 50 e 60 sendo mais forte no Nordeste. Dentro desse panorama sob fortes traços de radicalização, as Ligas Camponesas a priori em reivindicações em torno da terra, seguem em processo contestador da estrutura da sociedade.

Nessas décadas se teceu a emergência da luta do campesinato e seu processo de consciência de classe. Em 1962, o movimento propriamente camponês estava sob orientação das Ligas Camponesas. Ora mediadas pelo Partido Comunista Brasileiro - PCB, o qual dava apoio político e jurídico; todavia, constantemente, as Ligas beiravam a ilegalidade. Ainda em 1962, há uma pressão do PCB em torno de uma figura importante nas Ligas, o advogado e militante político pernambucano Francisco Julião, o qual romperia com o PCB na discussão quanto à questão do papel revolucionário do campesinato; o mesmo defendia essa tese, e a reforma agrária radical; enquanto a leitura do PCB era genericamente eurocêntrica, e em torno da construção de sindicatos rurais (VANDECK, 2001).

Reflexões em torno de uma Revolução Socialista em um país dependente, atrasado, pouco industrializado e com uma estrutura econômica centrada no latifúndio, conduziu alguns teóricos como Mariátegui a refletir acerca da necessidade de incorporação dos camponeses em um processo revolucionário.

¹ Cordel dedicado à Elizabeth Teixeira construído pelo Educador popular e sociólogo Alder Júlio Ferreira Calado.

No panorama latino-americano a obra de Mariátegui, na publicação de “*Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana*” em 1928, fomenta a discussão sobre o campesinato enquanto classe, problematizando qual seria sua função no marco de uma revolução socialista e seu vínculo com o proletariado; “o campesinato era a classe chamada a liquidar a propriedade latifundiária e a liberar o desenvolvimento das forças produtivas sobre as bases do capitalismo (MAZZEO, 2008).”

Sendo “chamado” a liquidar o latifúndio, traçamos também nesse contexto um dialogo entre as reivindicações do camponês e do operário retratando-os enquanto classe explorada, a primeira pelo latifundiário, a segunda pelo patrão,

O proletariado, ao se assumir como classe, afirma a existência do próprio capital... Cobra desse uma parte da riqueza produzida por ele mesmo, a consciência se manifesta com o inconformismo e não a submissão, reivindica a solução de um problema ou injustiça, mas quem reivindica ainda reivindica de alguém (IASI,2007).

O campesinato, nas Ligas Camponesas, ao se assumir enquanto classe – “classe em si”, no que diz respeito ao foro (obrigação anual paga em dinheiro) e ao cambão (prestação de trabalho gratuito aos grandes proprietários) reivindicaram a solução desses problemas ao proprietário da terra, permanecendo como trabalhador do campo no latifúndio; em um processo de interesse dentro da ordem, a exploração do camponês pelo latifundiário, entretanto, permanecendo.

[...] ao se assumir enquanto classe, o proletariado nega o capitalismo afirmando-o. Organiza-se como qualquer vendedor que quer alcançar um preço maior por sua mercadoria. Portanto, em sua luta revolucionária, não basta o proletariado assumir-se enquanto classe (consciência em si), mas é necessário se assumir para além de si mesmo (consciência para si). Conceber-se não apenas como um grupo particular com interesses próprios dentro da ordem capitalista, mas também se colocar diante da tarefa histórica da superação dessa ordem (IASI, 2007).

O caráter contestador das Ligas Camponesas se expressa na medida em que os camponeses ao alcançarem suas reivindicações, veem ainda permanecer as contradições no campo, pois nem todos têm terra para trabalhar e viver, e o que se concebe é uma contestação da propriedade privada e da concentração do meio de produção - a terra - assumindo, pois, a consciência para além de si e se colocando para a luta de superação dessa ordem. Discurso e prática que seriam radicalizados na perspectiva da Reforma Agrária em um contexto posterior, em luta pela democratização da terra.

Ora, surgindo como um movimento de reivindicação, em curto espaço de tempo, as Ligas Camponesas tomam um rumo novo, não se submetendo à estrutura sindical oficial, ao não se registrar no Ministério do Trabalho (para se criar uma Liga bastava o registro civil em cartório). Livre das amarras do sindicalismo oficial do país, as Ligas impulsionaram a luta pela reforma agrária, através de práticas efetivas de ocupação e defesa das fazendas ocupadas por parte dos camponeses (MONTENEGRO, 2003).

As Ligas Camponesas manifestam-se mais independentes, de acordo com Stedile e Fernandes (2005) sua bandeira de luta era “Reforma agrária na lei ou na marra”, se constituindo como referência da luta pela reforma agrária para o Movimento dos trabalhadores rurais sem-terra (MST) no Brasil atualmente.

São forjados na luta, assim, lutadoras e lutadores do povo, como o caso de Elizabeth Teixeira e João Pedro Teixeira que em 1958 juntamente com outros companheiros, constituiria a primeira Associação de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas na Paraíba, em tese, ou como fora de fato conhecida, Ligas Camponesas, na cidade de Sapé - Paraíba.

II. Importância das Ligas Camponesas da Paraíba no Nordeste

Num tempo de intensas lutas

Por reformas radicais

Nossas Ligas Camponesas

Nos orgulham muito mais

Esse Movimento forte

Do sistema quer a morte

Pois quer terra, pão e paz.

As Ligas Camponesas se destacam, no cenário de levantes populares do campo, devido a suas táticas de luta e à multiplicação de focos de conflito contra a ordem, questionando o monopólio da terra e o poder das oligarquias rurais. Na Paraíba foram cerca de 40 mil camponeses (BENEVIDES, 1985) associados em meados de 50 e 60.

Destaca-se o nascimento de outras Ligas, além da de Sapé, em diversos municípios paraibanos: Alhandra, Engenho Miriri, Guarabira, Araçagi, Alagoinha, Bananeiras, Cuitegi, Santa Rita, Alagoa Grande, Mari, Guarabira, Mulungu, Campina Grande, Belém, Mamanguape, Pedras de Fogo, Oitizeiro, Itapororoca, Várzea Nota e Itabaiana (BENEVIDES, 1985).

A resistência das Ligas só teria efeito prático se vencesse a cortina de ferro montada pelos latifundiários e encontrasse ressonância além das fronteiras de Sapé, comprometendo as forças progressivas de João Pessoa e utilizando amplamente os meios de comunicação de massa, reflete Benevides (1985). Ocorrerá uma ligação entre o campesinato paraibano e o mundo urbano da capital. O movimento passa a representar os interesses das diversas correntes de camponeses envolvidas na luta de classe.

Nos conflitos entre camponês e proprietário, os camponeses ocupavam as fazendas em prol do trabalhador só saindo do lugar quando havia no horizonte alguma possibilidade de solução daquela reivindicação. Uma das táticas de luta e mobilização era a “infiltração” de militantes das Ligas nos canaviais do latifúndio. Vestiam-se de “vendedores de doce”, e, sem serem percebidos pelos algozes dos proprietários, conversavam com os camponeses chamando-os para participarem das reuniões, e se associarem às Ligas.

Em seu processo de mobilização e luta, as Ligas Camponesas, no plano reivindicatório, conseguiram eliminar o cambão, o foro, e fazer com que os trabalhadores do campo que fora expulsos de suas terras permanecem na mesma e/ou recebessem indenização dos proprietários dos latifúndios. No plano contestador assume a consciência de classe do trabalhador do campo concebendo-se que a raiz das desigualdades no país está na propriedade privada da terra, no latifúndio e que é necessária a organização, a mobilização das trabalhadoras e trabalhadores do campo para romper a estrutura político-econômica dominante e construir novos valores, novas relações, novas sociabilidades.

III. Mulher, Mãe e Militante

“E olha o coco, estabilo, bilo, bilo, ô lelê...”

E olha o coco estabilo, bilo, bá.

Esse menino, por que chora? Esse menino! Chora de barriga cheia com vontade de mamã.

Esse menino, por que chora? Esse menino! Chora de barriga cheia com vontade de apanhar... E o olha o coco, estabilo...”²

Cantrolava esse “coco de roda” com seus filhos quando a polícia batia à porta de sua casa ameaçando invadi-la, atirando para assustá-los...

No ano de vinte e cinco

Nasce Elizabeth da Costa

Seu pai, um proprietário

Nesta filha não aposta

Pois queria um filho macho

E seu sonho foi abaixo

A menina, a resposta...

No dia 13 de fevereiro de 1925 nasce mais uma flor do campo... Elizabeth Teixeira, em Sapé - Paraíba. Foi a mais velha dos nove filhos de Altina da Costa e Manoel Justino. O

² Extraído de cenas do filme “Cabra Marcado para Morrer”. Direção de Eduardo Coutinho.

desejo de seu pai era de que o primogênito fosse homem, rompendo esse querer, nasceu ela. Durante seus primeiros anos de infância não tinha muita saúde, tivera um pequeno atraso na função motora, começando a dar seus primeiros passos, de muitos, aos três anos de idade³.

Quando pequena gostava de ver as galinhas de pintos novos, elas agasalhando os pintinhos. O milho a fascinava quando começava a soltar suas bonecas, com cabelos louros, a boneca do milho. Às vezes pegava seu irmão menor e o colocava dentro de um paiol de algodão, quase que o enterrando, mas sempre o tirava antes de sua mãe pegá-los.

A menina foi crescendo

Intrigada com a fartura

Contrastando fortemente

De agregados vida dura

A menina, pensativa

Sua consciência ativa

De ver isto, não atura

Do roçado de seu pai, ninguém da família ia trabalhar nele, pois quem cuidava era o próprio Justino junto aos trabalhadores, moradores de sua propriedade.

Sua mãe era de uma família de proprietários e havia também um usineiro, seu tio, que conversando com a Elizabeth reconhecia sua liderança nas Ligas Camponesas, mas não queria, entretanto, vê-la de modo algum, porque a considerava uma terrorista, assim dizia.

Sua mãe sofreu muito e antes de morrer a abraçou forte e disse “Elizabeth teve tanta vontade de estudar, ate chorou quando a tiramos da escola, mas nada pude fazer por ela, porque palavra de mulher não vale, eu nada pude fazer”. Falava da intransigência do Justino em relação aos estudos da menina. Ele proibia a família de ir à casa dos moradores de sua propriedade e ter contato. Um dia, aos dez anos de idade, ela foi à casa de um dos moradores, o Zé Preto, e sua mulher acabara de dar à luz a um bebe, “um pretinho nuzinho numa cama de vara, um girau de vara com esteira de capim, eu vi o bichinho lá dentro.” Chegando em casa: “Mamãe, a mulher de Zé Preto descansou. Ela tá coberta com um pedaço de tanga de rede, o menino ta nuzinho dentro do girau. Não têm nada pra comer, o fogo está apagado, ela lá sozinha, outro

³ Os relatos da história de vida de Elizabeth Teixeira que se seguem foram extraídos da sistematização do livro “Eu marcharei na tua luta: A vida de Elizabeth Teixeira” organizado em 1997 por Lourdes Bandeira, Rosa Godoy e Neide Miele.

barrigudinho no chão. A senhora não vai fazer nada? Tem tanta galinha aí!” E as palavras de contestação iam se construindo.

A criança revelou-se
Pelo estudo apaixonada
Pretendia ir muito além
De leitura e tabuada
Mas, seu pai não lhe permite
E lhe impõe grande limite
Quer a filha controlada...

Sempre tivera vontade de estudar, logo aprendeu as letras e a juntar sílabas, depois foi para um colégio estadual em um povoado, Sobrado, dizia que os professores eram exigentes e queriam que os alunos soubessem os limites de todo o Brasil, e que existia “aquele estilo diferente de ensinar e a gente tinha que ser esperto pra responder.” Para grande desgosto seu só estudou até o segundo ano primário. “Não houve pedido, nem choro, que fizesse meu pai prolongar meus anos de estudo, aos nove anos tive que sair da escola. Ele disse que eu tava grande e tinha que ajudar em casa, e depois, a distância grande, não dava. Meu irmão, como homem, continuou indo à escola.”

Dizia-se que não adiantava botar filha mulher na escola, porque é só pra escrever carta pro namorado, aconteceu por ironia do destino também com Elizabeth: “eu namorava com João Pedro através de carta, era bilhete pra lá, bilhete pra cá e assim nos entendemos e chegamos a casar”.

Na bodega, era mais útil
Despachando a freguesia..
Foi aí que se engraçou
De um moço que contraria
Os caprichos do seu pai.
Com João Pedro casar vai
Seu pai os perseguiria...

Na mercearia de seu pai, quando tinha 15 anos, viu pela primeira vez João Pedro Teixeira. Um operário, um trabalhador da terra, que no momento trabalhava em uma pedreira no sítio Anta. “Ele me olhava assim, diferente...” suspirava Elizabeth. Logo seu

pai percebeu os olhares e proibiu o namoro. No entanto, além da troca de olhares, começaram a trocar cartas, embora João Pedro não soubesse escrever, um amigo as escrevia ditadas por ele, e, em 10 de junho de 1942, através delas planejaram se casar. Não havendo alternativa, fugiram no dia 26 de julho e se casaram.

Sempre ansiosa por receber cartas dele, as aguardava em casa. Que ninguém os visse. João Pedro jogava discretamente as cartas dentro de sua casa ou pedia para a esposa de um amigo levá-las a Elizabeth. E assim, iam se comunicando. Antes da fuga até o momento de fugirem não havia sequer pego em sua mão, o primeiro encontro pessoalmente com João Pedro, para falar com ele, foi na noite em que fugiram “...encontrei com ele, ali a gente apertou a mão um do outro, abraçou um o outro, foi bom, foi muito bom...”

Juntos, foram morar na em Massagana em uma fazenda aonde o tio de João Pedro trabalhava, oferecendo sua casa como morada, lá passaram dois anos. Poucos dias depois do casamento, sentindo saudade de sua família foi visitar os seus, e, lá chegando uma ajudante da casa diz que todo mundo havia saído para não ver sua chegada. Depois de algum tempo sua mãe adoeceu e seu pai a chamou para acompanhar na recuperação da mãe, passara dias lá e se pai fez uma proposta para que se separasse do marido e ficasse em casa, que teria tudo. “Papai volto pra junto de meu marido.” Dizia que não entendia o que João Pedro tinha de tão especial para fazê-la abandonar o conforto de sua família, sentia que era uma pessoa excelente e nunca soube que ele tivesse outra mulher ou namorada. Ele era uma pessoa alegre, tocava e cantava e gostava de fazer serenata... “Se adoecesse um dos meninos, a noite era dividida, até tal hora você cuida, a partir dali eu fico; ele perdia a noite de sono ao meu lado; o que ele pudesse fazer por mim, fazia... meu amor foi grande por João Pedro.”

Sua primeira filha, Marluce, dos 11 filhos, nasceu no dia 13 de junho de 1944, foi um parto trabalhoso. Depois foi para casa da sogra durante 7 meses enquanto João Pedro se organizava em algum trabalho na cidade do Recife. João Pedro havia se desentendido com o tio por conta das agressões que eram feitas a mando da viúva do coronel dona da fazenda. “O pobre morador é expulso, deixa a lavoura, e às vezes ainda leva umas lapadas de pau dos vigias, isso não está certo!” – dissera João Pedro ao seu tio.

Diante das circunstâncias
Que enfrentam com seu tio
Vão morar longe, em Recife
Em lugar mais arredo
E trabalho duro assume
Da dureza tem costume
Vão chegar mais desafios

Chegaram a Recife em Janeiro de 1945, moravam em Jaboatão, na Rua Siqueira Campos, em novembro deste mesmo ano nasce seu segundo filho, o Abraão. Elizabeth fala que seu companheiro sente vontade de se alfabetizar, ela o ensina e João Pedro logo começa a ler os jornais, a Bíblia e a Constituição (seus textos de cabeceira). Nos primeiros meses em Recife ele freqüenta assiduamente a igreja presbiteriana em Tejipió, ela diz que sempre que ele chegava do trabalho pedia para que lesse “um pedacinho da Bíblia” dizendo seus versículos. Também começou um grande companheirismo com os operários da cidade, participava de reuniões com Gregório Bezerra e outros do Partido Comunista Brasileiro. Recebia o jornal operário “A Voz do Povo” e o vendia aos amigos trabalhadores. Com o tempo vai participando cada vez mais de reuniões com os operários e indo menos a igreja. E Elizabeth pergunta se está se afastando da igreja; ele fala que não que cria sim em Deus, mas que precisava lutar por melhores condições de vida junto com os operários, “nós queremos o bem-estar pra todos, pra Nação.”⁴

A situação financeira deles fica difícil, depois de João Pedro ajudar a fundar o sindicato de sua classe na pedreira, e na organização de sindicatos dentro das pedreiras, os proprietários começam a recusar a lhe dar trabalho. “Nessa época não tinha muita participação, minha participação era entregando o jornal para os operários nos finais de semana e recebendo o que eles pagavam pelo jornal. Entre 50 e 52, já tinha cinco filhos, enquanto trabalhava numa mercearia, a menina mais velha ficava com os menores”.

Da luta mais conscientes
Depois desses nove anos
Curtem o sonho de voltar
À terrinha, com mil planos
De criar um sindicato
Que cuidasse, de imediato
Dum sofrer tão desumano...

Moraram nove anos em Recife, em meados 1954, quando o irmão mais velho de Elizabeth foi visitá-la, vendo as condições em que estavam, conversou com seu pai para ajudá-los. Seu pai: “pra ficar dentro da minha casa não! Pra ficar perto de mim não quero, mas pra ficar pra lá (um sítio que havia comprado e não havia nenhum morador)... tá vazia mesmo... ela pode”. João Pedro não queria, uma terra aonde não era querido, mas a situação deles não estava boa, ela insistiu “vamos, é melhor! Lá no sítio

⁴ O Jornal “Folha do Povo” em Recife proposta do Partido Comunista Brasileiro em 1945, “jornais diários, destinados a “falar” para as camadas sociais às quais os comunistas sentiam-se ligados: a classe operária em crescimento, os estratos mais pobres da população urbana, as camadas médias esclarecidas, os camponeses... (POMAR, 2006).”

a gente vai poder plantar, vai ter condições de criar nossos filhos...”. No dia 10 de maio de 1954 volta para Sapé, Elizabeth; vinte dias depois, João Pedro.

Observando as condições de vida dos trabalhadores do campo, comendo apenas farinha com um pedaço de rapadura e poucos caroços de feijão e sendo explorados; em João Pedro o ímpeto de revolta se constrói. Começa a visitar as fazendas da região, Anta, Sapucaia, Melancia, a miséria era a mesma. E conversando com os trabalhadores dizia que era preciso se organizar e lutar por outra condição de vida.

Em 1956, João Pedro se aproxima do PCB na capital João Pessoa, e começa a “despertar” para a luta contra o cambão – o primeiro dia da semana dado gratuitamente ao patrão, o resto da semana trabalhava-se pelo preço que o patrão quisesse - e contra o aumento do foro. A primeira região aonde o cambão fora derrubado foi em Marauá. João Pedro e os outros camponeses passaram a noite toda levantando uma cerca em protesto. No dia seguinte foi preso.

No período de 1958 a 1962 houve um grande processo de mobilização dos camponeses em Sapé e nas proximidades no estado da Paraíba, em relação ao cambão e ao foro apontando uma via organizativa que deflagraria nas Ligas Camponesas. No período da renúncia de Jânio Quadros, o exército invadiu a casa de Elizabeth encontrou uns jornais velhos, o “Terra Livre”⁵ (era um jornal editado pela ULTAB na década de 50 a 64), “Ah! Aqui tem um jornal comunista!” – disseram.

João Pedro foi para São Paulo em 1959 participando com as lideranças do campo do I Congresso da ULTAB (União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil) que tinha a finalidade de avaliar as lutas no campo e definir uma posição em torno da “reforma agrária”.

A União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil – ULTAB – foi uma organização criada em 21 de setembro de 1954, na cidade de São Paulo, por ocasião do evento da II Conferência Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas e contou com o apoio do movimento sindical, dos trabalhadores agrícolas e com a ajuda dos militantes comunistas do Partido Comunista Brasileiro.

De acordo com o Estatuto da ULTAB, no 2º artigo, intitulado “São finalidades da ULTAB” observamos:

- a) Organizar os pequenos e médios produtores agrícolas, bem como empregados rurais, sem distinção de cor, sexo, raça, concepções políticas, filosóficas ou religiosas, em defesa dos seus interesses e direitos;
- b) Promover e estreitar os sentimentos de fraternidade entre todos os trabalhadores;
- c) Conceder, na medida das possibilidades, assistência jurídica, médica, dentária e outras;

⁵ O jornal “Terra Livre” tinha como objetivo divulgar e informar os homens do campo sobre os seus direitos sociais e trabalhistas.

d) Colaborar com os poderes públicos e com as entidades de modo geral no estudo e solução dos problemas atinentes à vida rural ligados aos interesses de suas filiadas e da Nação;

e) Promover e realizar congressos e conferências. Participar, quando for do interesse da entidade, de reuniões internacionais;

f) Divulgar por todos os meios e modos ao seu alcance, conhecimentos e ensinamentos tendentes à melhoria da prática rural;

g) Assistir e orientar as filiadas em matéria de ordem econômica, jurídica e técnica, bem como adotar medidas no sentido de facilitar a aquisição do material necessário ao exercício das atividades rurais.

Quando a Liga foi criada

Como tinha boa escrita

Elizabeth ajudava

Por justiça também grita

Ao lado dos companheiros

Mas também dos seus herdeiros

Bem cuidava, embora aflita

Elizabeth andava sempre ao lado de João Pedro, iam para sede da Liga Camponesa de Sapé e de Mari; quando ocorria alguma violência no campo, ela dava assistência na sede das Ligas, nos atos públicos, para fazer a carteira dos associados das Ligas, para ler os jornais para os companheiros etc.

Poucos meses antes do assassinato do seu companheiro ela havia se afastado da sede da Liga por motivos de doença, havia feito duas cirurgias uma de um cisto no ovário e outra de apendicite. Todavia diz que muito queria ter acompanhado João Pedro nesses momentos mesmo na hora de sua morte. Quando os capangas dos latifundiários batiam em sua porta o ameaçando ela falava: “Você não vai morrer sozinho. Se botarem a porta adentro, você não morre sozinho”. Anos de ameaças e noites perturbadas... “eu e ele ficava de guarda na porta, de foice na mão, que camponês não tem arma, as crianças ficavam tudo juntinho, deitados no chão.”

Latifúndio a farejar

Quem ousasse dizer NÃO

Aos esquemas de chacina

De penúria, do cambão

Que João Pedro denuncia

E com a vida pagaria

Mulher, filhos sofrerão!

Foi numa segunda feira, Elizabeth tirava leite da vaca quando João Pedro se aproxima e diz que vai ate João Pessoa para uma audiência sobre o sítio onde moravam. O pai de Elizabeth vendera a terra para Antonio Vito a fim de que ele os despejasse desse modo João Pedro entrou com uma ação judicial de protesto contra o despejo. Era o dia do acordo entra as partes. João Pedro foi. O advogado de Antonio Vito e o próprio, não. Antes de sair de casa João Pedro expressa que não amanhecera muito bem, mas que, no entanto, não iria esmorecer, ia e voltava, caso não voltasse até as seis hora, que ela fechasse a porta e não abrisse para ninguém por causa das ameaças. Ele não voltou...

Sentindo que ia morrer, um dia mostrou umas fotos deles para que ela guardasse como lembrança. Elizabeth o chama e fala para irem embora da Paraíba e irem juntos para o Sul do país, “se te matam o que é que eu vou fazer com nossos 11 filhos?”. João Pedro então de cabeça baixa, pau na mão riscando o chão da terra, levanta a cabeça e diz: “Sei que vou tombar, mas uma coisa eu digo pra você, eu não me acovardo!, eles vão tirar minha vida, covardemente, pelas costas, mas eu continuarei aqui até tombar”. Quantas vezes Elizabeth ao seu lado fala: “seria tão bom se a gente almoçasse em casa nos domingos, deitasse um pouco pra descansar...” E, ele: “a luta é muito difícil, companheira. Sei que vou tombar. Você continua essa minha luta?”. Elizabeth naquele momento “eu não tive coragem de responder nada, via a tristeza nos olhos dele”.

Latifúndio fecha o cerco

E João Pedro é consciente

Mas da luta ele não foge

Sua esposa, de repente

Vê o marido ensangüentado

Vai honrar o seu legado:

- “Em tua luta sigo em frente”

No dia 2 de abril de 1962, João Pedro Teixeira levanta da cama, toma um leite e sai de casa. “Olhe, eu não acredito em sonhos, mas esta noite eu sonhei que estava atravessando um rio e dois cabras me atacavam de faca, eu me defendia dando chute, mas eu via um rio de sangue, em vez de água o rio era feito de sangue”, diz a sua companheira antes de partir.

Ele não chegava. No dia seguinte: “João Pedro foi morto a tiro, ontem, de 5:40 da tarde, perto de Café do Vento e já se encontra em Sapé”, diz Chico Guarabira, funcionário do cemitério. Nesse momento Elizabeth levanta-se “nem penteei o cabelo,

nem troquei o vestido” e segue para o necrotério do hospital. O corpo de João Pedro estava lá, guardado por policiais. “Isso me deu uma revolta muito grande, enquanto ele era vivo a policia nunca tinha se preocupado com a vida dele, agora morto, pra que danado precisava deles? Eu sentia um ódio muito grande da policia por causa das prisões e do massacre que a policia fazia com ele.”

Havia dois policiais que estavam no portão do hospital e disseram que Elizabeth não tinha direito de entrar, exceto com ordem do diretor do hospital. “Eu fui ate a casa dele, mas a empregada disse que ele esta dormindo. Voltei pro hospital disposta a pisar por cima das armas que eles estavam segurando, dos fuzis apontados; eu pulei por cima dos fuzis e mandei que Abraão pulasse também. Cheguei e ele estava lá, morto, estendido em cima da pedra. Os olhos cheios de terra, o sangue no chão, uma poça imensa de sangue. O lençol que cobria seu corpo cheio de sangue, como se tivesse sido morto naquele instante, os olhos dele tão vivos, abertos, tão vivos...era um homem forte...então, naquele momento disse: João Pedro, por mais de uma vez você me perguntou se eu daria continuidade à sua luta, e eu nunca te dei a minha resposta. Hoje te digo, com consciência, ou sem consciência de luta, eu marcharei na tua LUTA, pro que der e vier!”

“Senti vontade, naquele momento, de voltar para o campo e chamar os homens do campo e gritar bem alto ‘Viva a Reforma Agrária!’, ‘ Queremos Reforma Agrária mesmo!’, ‘Vamos lutar pela terra!’”

Naquele momento não consegue chorar, mas o desespero e a indignação a toma. “Matar um homem só porque ele luta pelos direitos do camponês, ele dizia que não é somente a família de João Pedro que tem necessidade, é a família de milhares de companheiros, não apenas da Paraíba! Suas carnes arrancadas, parecia que seu corpo tinha sido estraçalhado de foice, aquilo me trouxe revolta. A minha consciência de luta, a minha dedicação pela luta foi em protesto ao assassinato de João Pedro.”

“Até aquele momento eu ficava em casa, cuidando de tudo, das crianças, do roçado, arrancando batata, plantando inhame, apanhado feijão...quando o vi estraçalhado...a partir de hoje marcharei na tua luta; luta por terra, luta pelo homem do campo, luta pela mulher do campo que sofre como eu já sofri e que estou sofrendo agora. Tanto faz viver ou morrer. Eu estou disposta a enfrentar o que vier. Mas eu te juro, João Pedro, darei continuidade à luta.”

A revolta tomou conta do campo, os companheiros das Ligas estavam todos ali, “esperando uma só palavra pra incendiar Sapé.”

Um dia antes de viajar para João Pessoa, um companheiro dele, havia dito que o usineiro Agnaldo Veloso Borges dissera que queria a sua orelha para tomar com cachaça. Os policiais, Cabo Chiquinho e Antonio Alexandre, estavam disfarçados de vaqueiros. Montados a cavalo, ficaram perto de Café do Vento, ate que se encontraram com Joana Bernardo (camponesa testemunha no inquérito) a qual perguntou o que eles queriam; responderam que estavam procurando uma novilha que havia fugido do rebanho. Ambos os policiais foram presos um deles confessando o serviço a mando de Agnaldo Veloso Borges e Pedro Ramos Coutinho.

“Quando o Agnaldo viu a cara dele estampada nos jornais, acusado de mandante do crime, ele conseguiu chegar a deputado e com isso se safar da justiça.” Nas eleições

de 1960, ele havia se candidatado a deputado, como não vencera, ficou como quinto suplente. Depois das denúncias de mandante, passou de suplente a titular em dez dias garantindo sua imunidade parlamentar; renunciaram, primeiramente, Wilson Braga; depois Flaviano Ribeiro Coutinho, usineiro; Clovis Bezerra, e outros dois.

Ao martírio de João Pedro
Segue-se o de Elizabeth
Um rosário de problemas
A polícia pinta o sete
Seus filhos, traumatizados
Revolta por todo lado
“Segue a luta” – ela promete!

Após a morte de João Pedro, Elizabeth relata o quão sofreu... “durante o dia, parece que tudo ficava mais fácil, o trabalho, a continuidade da luta, mas quando caía a noite e que eu olhava pra cada um dos meus filhos...me perguntando como tinham matado seu pai, se não ia voltar nunca mais...chorava num canto de parede, às vezes pensava que seria melhor se eu tivesse morrido ao lado dele, pra não ver uma penúria dessas; meu Deus, não foi fácil! ”. Outros fatos trágicos aconteceram, logo em seguida. A morte da sua filha mais velha, Marluce – “a senhora não vai vencer, mãe, eu sei que coisas piores virão pela frente... mataram meu pai e não vai haver justiça” – no dia 27 de novembro de 1962, sete meses depois do assassinato de João Pedro, Elizabeth a encontra vomitando, tomara veneno, não resistindo. “Fiquei como morta. Julião me veio visitar e me viu doente, então me levou pra Recife, aonde fiquei internada em um hospital; muitas pessoas vinham conversar comigo, prestar solidariedade. Mas estava mergulhada na minha dor”. No dia 16 de junho daquele mesmo ano, seu filho Paulo, 10 anos, encontrava-se internado devido a um tiro levado na cabeça. “...os meninos ficavam sentados na calçada de casa comentando o que tinha acabado de acontecer com o pai deles, Paulo disse que vingaria a morte de seu pai quando crescesse. Essa conversa foi parar nos ouvidos dos proprietários, ‘Paulo Teixeira tinha jurado que ia vingar a morte do pai’, Antonio Vito botou um morador na propriedade ordenando que acabasse com o menino. A bala atingiu o cérebro, ele conseguiu sobreviver, mas ficou inválido pra sempre.”

“Ao invés de me sentir amedrontada, eu ficava cada vez mais revoltada, pois eu sabia que toda essa desgraça vinha de um só lugar, do latifúndio. Ele era o responsável por essas e por outras tantas desgraças que aconteciam no campo. Ao invés de fugir da luta, aí é que eu me apegava cada vez mais ao juramento que fiz ao lado do corpo sem vida de João Pedro. Para o que der e vier, eu continuo a tua luta!”

A Liga Camponesa de Sapé foi fundada em 1958, desde sua fundação já havia muitos trabalhadores do campo mobilizados a fim de lutar reivindicando seus direitos. O objetivo da Liga era lutar contra a injustiça do homem do campo de ser despejado da

terra aonde trabalhava, conscientizá-lo a se unir para combater essa e outras injustiças. Quando um camponês era despejado, o proprietário deveria pagar seus direitos, caso não pagasse, o trabalhador permaneceria na terra, recebendo apoio dos companheiros da Liga até que alguma indenização fosse paga. A cada dia que passava crescia o numero de associados na Liga Camponesa de Sapé chegando a possuir sete mil e quatrocentos associados. Como expressa Elizabeth “foi através de muita luta, união e organização que o cambão foi sendo eliminado”.

A primeira diretoria da Liga Sapé foi João Pedro como presidente; Pedro Fazendeiro como vice-presidente; João Alfredo, o nego Fuba, secretário; e, Severino, o Bigodão, tesoureiro. Apesar do nome Pedro “Fazendeiro”, o mesmo era um trabalhador da terra, pobre, um foreiro, na fazenda Miriri cujo dono era a família Ribeiro Coutinho. O Nego Fuba era sapateiro e do Partido Comunista. Na Liga foi criado um hino cujos versos são lembrados por Elizabeth Teixeira:

*“Companheiros,
Irmãos no sofrimento,
Nosso canto de dor sobe da terra...”*

O homem do campo reivindicava assistência médica, assistência jurídica para não ser despejado sem indenização, e Reforma Agrária para que todos tivessem terra para trabalhar e viver.

Naquele tempo quando o trabalhador morria a Prefeitura emprestava um caixão, que depois do sepultamento voltava para servir a outro trabalhador, se chamava enterrados “de acero”. Depois da fundação das Ligas, nos Atos Públicos mensais que organizavam, dava-se a relação de atestados óbitos e os caixões para os camponeses que haviam falecido. Para denunciar alguma violência dos latifundiários, algum despejo os camponês da Liga faziam um ato publico. Havia grande solidariedade entre os camponeses das Ligas da Paraíba e também com os das Ligas de Pernambuco. Em um dos atos públicos em Sapé, Elizabeth conhece Francisco Julião. Depois da Liga em Sapé foi fundada uma Liga em Mari, em Mamanguape, em Santa Rita na Paraíba.

Vestida com grinalda de flores vermelhas, “sangue derramado de João Pedro Teixeira”, os estudantes da UNE em 1º de maio de 1962 – Rio de Janeiro, a vestem para uma homenagem e em protesto contra a violência no campo. “Sentia que o homem do campo não estava sozinho na sua luta. Vinha solidariedade de todas as partes, eu recebi ate um telegrama de Fidel Castro, dizendo que tinha decretado um Dia Nacional de luto, em Cuba.”

Depois de ir ao Rio de Janeiro, recebe um convite para ir à Brasília dar um depoimento na Comissão Parlamentar de Inquerito. Foram Elizabeth e Dona Cecília, viúva de Alfredo do Nascimento, também da Diretoria da Liga em Sapé, assassinado antes de João Pedro, em Miriri, nas terras de Pedro Ramos Coutinho. A violência no campo crescia. “Os latifundiários se armando, contratando capanga pra botar fim à vidados trabalhadores, eles anunciavam que iam dar fim a tal e tal liderança, a tal e tal trabalhador. Foi depois do assassinato de João Pedro que o governo resolveu abrir uma Comissão para tomar conhecimento da realidade do campo.”

Passado um mês da morte de João Pedro, foi feito um Ato Público em Sapé. Todos os camponeses concordam e aprovam quem deveria assumir a presidência da Liga Camponesa. Gritavam numa só voz: “Elizabeth vai substituir o lugar de João Pedro!” Cerca de quinze mil camponeses estavam nesse ato. Depois do assassinato de seu companheiro, cresceu o número de inscritos nas Ligas. “Eles não se afastaram da luta, nem se intimidaram. Foi uma revolta no campo. Quem não tinha carteira das Ligas, vinha para fazer.”

“muitos companheiros pensavam em vingança, em vingar a morte do companheiro. Mas a gente dizia que não. A gente tinha que marchar era com a luta dele, continuar a luta dele no campo, até chegar o dia de vencer.”

Em memória de João Pedro

E de outros já tombados

Se faziam todo mês

Atos públicos – muitos brados!

Elizabeth presente

Vem o Golpe, de repente

Camponeses são caçados...

Os companheiros do PCB, os estivadores, os metalúrgicos, estudantes lamentaram muito a perda. “Mas eu nunca cheguei a fazer parte do Partido, na verdade, tinha uma cisma do Partido Comunista. Quando era garota, meu padrinho me contava barbaridades do regime comunista, mas João Pedro me explicava tudo diferente, sobre a Rússia. Chegou a botar o nome de Lenine num dos meninos, que depois passou a ser chamado de José Eudes.”

“Sempre fiquei com aquela cisma e não chegava a mim de que eu me filiasse ao Partido. Achava que continuando a luta de João Pedro, defendendo a luta camponesa, isso era importante e não o partido.”

Todo final de mês fazia-se um ato público, em frente à Liga, denunciando as violências no campo.

“Eu fui presidente da Liga Camponesa de 1962 até 1964, e como presidente tinha que ir todos os dias à Liga. Mesmo que não pudesse ir pela manhã, pela tarde eu ia, mas tinha que estar lá, presente, saber dos problemas e entrar no campo, pra defender o homem do campo, quando havia desentendimento com o proprietário, tinha que entrar nas fazendas, saber como estavam as relações de trabalho.”

Uma das conquistas das reivindicações das Ligas Camponesas foi a construção do posto de saúde de urgência – SAMDU – em Sapé para assistir aos trabalhadores.

“Não foi fácil para mim, cuidar da casa, da família, de tudo, e ter essa atuação na Liga. Foi uma batalha muito difícil. Houve muita solidariedade dos companheiros, eles faziam guarda de noite na minha casa e o roçado continuou plantado.”

Em situações de conflito entre o proprietário e o campones, despejo, gado invadindo lavouras, derrubada de cercas; Elizabeth e os outros camponeses, cerca de duzentos, ocupavam a fazenda para intimidar o patrão. “O senhor paga a indenização ou não paga? Paga! Vai pagar! Lavoura é suor, e suor é sangue, e ele não vai deixar a lavoura aí pro senhor. E pode ver aí como o senhor vai decidir pagar, porque se o senhor não pagar, o homem vai ficar morando na terra, fica morando com o direito de colher a lavoura dele e o senhor não vai poder tocar nela!” – brava Elizabeth Teixeira.

“Tinha proprietário que ficava logo com medo, botava cinco ou seis capangas em volta da casa dele. Tinha outros que mandavam os capangas despejar o trabalhador, pegar as panelas velhas e quebrar tudo no meio do terreiro, pegar criação novinha e matar no terreiro, a ordem era acabar com tudo, pro trabalhador não voltar mais pra dentro da casinha. Aí a gente tinha que procurar um meio de colocar aquela família em outro canto.”

Organizavam reuniões dentro das propriedades a fim de discutirem as contradições vividas, planejar ações, atos de luta. Para impedi-las, os patrões, armavam grupos de homens, formando uma barreira. Certa vez, em São Miguel, um latifundiário manda construir uma barreira para seus capangas se esconderem, armados, a espera dos camponeses. Ressalta Elizabeth “mas o nosso grupo era muito maior, chegamos lá e fizemos um ato público. (Reconstruída no filme ‘Cabra Marcado pra Morrer’). Eu peguei o microfone e disse aos companheiros: Não vamos ter medo das armas deles, não vamos ficar debaixo da cama com medo das armas deles. Eles que fiquem cientes de que nós camponeses, estamos aqui pra o que der e vier e não estamos com medo das armas deles não!”

“E hoje a situação do homem do campo continua a mesma. Tantos anos se passaram e hoje continua essa mesma luta no campo. Eu vejo a luta dos companheiros acampados ali, lutando por um pedaço de terra e fico me lembrando do passado, de 1950, 1962, 1964... Até hoje o homem do campo continua sendo explorado, injustiçado, massacrado, violentado.”

Em 1962 é lançada a candidatura de Elizabeth Teixeira para deputada pelo Partido Socialista Brasileiro. “A ideia de eu me candidatar a deputada surgiu dos companheiros, Julião, Adauto Freire e outros, que achavam que se eu vencesse as eleições, teria melhores condições de lutar no campo, eu não poderia ser presa, teria imunidade.”

Entraram em campanha pelo estado paraibano, nas cidades e no interior. Nos comícios denunciava as mortes encomendadas pelos proprietários no campo. Embora achassem que esse processo de eleição fosse vitorioso, ela não ganhou. Todavia, mesmo depois das eleições, os borbulhos suscitados nos comícios levou ao delegado de Sapé processar Elizabeth pelo que ela havia denunciado na campanha. “O senhor pode me processar. Agora, o senhor não vai me processar só a mim não, viu delegado! O senhor vai mandar chamar o senhor Joacil de Brito pelo que ele disse do meu marido, que até panfletos ele espalhou dizendo que João Pedro Teixeira era assassino. Se Joacil de Brito provar aqui que João Pedro matou alguém, se ele trouxer alguma prova do que ele

espalhou, se justificar o que disse e escreveu, então pode me processar. Poderei ser processada, mas o senhor vai ter que chamar muita gente à responsabilidade.” O delegado nada fez.

Sofrera muita repressão da policia. Certa vez chegaram dezoito policiais para prendê-la por causa de um conflito. No momento estava cuidando de seu filho Zé Eudes e chegaram para levá-la. “Não posso ir porque estou medicando meu filho que está doente!”. O sargento ordena – “a senhora vai, queira ou não queira.” Ela é ordenada a subir na cabine da caminhonete. “Deixe de ser covarde! Seja digno, sargento! O senhor quer que eu suba pra sentar nas pernas de quem aí dentro? Mandando que eu suba pra sentar-me nas pernas do senhor ou do soldado?”. O sargento manda o soldado descer da cabine e ir à carroceria. “Chegando em Sapé, eles rodaram a cidade todinha, comigo lá dentro, que era pro povo de Sapé ver que eu estava ali, no poder deles, que eu estava presa.”

“Eu sofri muita repressão deles, mas nunca chegou o momento pra renunciar, pra desistir de lutar.”

A Liga Camponesa de Sapé foi a maior da Paraíba e do Nordeste. Quando a Liga de Sapé se formou havia camponeses membros de vários municípios, Pilar, Cruz do Espírito Santo, Mari, Pedras de Fogo, São Miguel. Com o tempo, o número de associados aumentando, foram fundadas as Ligas de Santa Rita, de Mari, de Mamanguape na PB. A Liga era, pois, uma associação de defesa dos camponeses.

Quando os latifundiários assassinaram João Pedro, pensavam que os trabalhadores iam se intimidar, que a luta ia ser enterrada junto com o João Pedro. Mas foi o contrário. A Liga cresceu extraordinariamente. Eles não recuaram na luta. Até 1962 havia mais de sete mil associados, em 1964 eram mais de dezesseis mil. Os atos publicos das Ligas aterrorizavam o Latifúndio. “Muitos companheiros que vinham participar no domingo, eram botados pra fora da fazenda na segunda-feira; os proprietários botavam pra fora, mandavam dar pisa, ameaçavam...”

“Naquele tempo a gente foi muito perseguido pela Igreja. A gente achava isso terrível. A igreja nos combanendo [...]; os sindicatos que eram fundados na região eram com o objetivo de combater as Ligas.”

“Se fala muito que naquele tempo havia invasão de terra. Mas não houve não! O que acontecia era dos proprietários não querer dar um pedacinho de terra pro morador trabalhar, sendo que ele já vinha de anos atrás com o ‘direito’ de plantar um roçado seu dentro da propriedade. [...] Mas como o trabalhador dependia daquele roçado para sobreviver, como ele precisava plantar então se reunia um grupo de 10, 12, 15 trabalhadores, que iam com suas enxadas, com suas foices, sementes, e limpavam aquele pedaço de terra e plantavam naquele lugar que ele estava acostumado a plantar. Se invadir terra é plantar, então essas invasões foram feitas. Hoje em dia os camponeses não podem nem mais fazer isso, porque a terra está toda coberta de cana, quase já não existem mais moradores dentro das propriedades, pois eles foram jogados nas pontas de ruas.”

A organização do homem do campo estava crescendo e isso fazia medo aos proprietários. “Agora, eu quero dizer que o chocalho apareceu depois do assassinato de João Pedro”. “A massa ficou em desespero... quando sabiam de um trabalhador

bajulador do patrão, os camponeses iam atrás dele, amarravam um chocalho no pescoço dele e faziam ele dar vivas à Liga Camponesa – relata Elizabeth.”

“Chegavam em minha casa, 200, 300 companheiros dispostos ao que desse e viesse. Eu pedia a eles, vamos ter calma companheiros, vamos lutar, vamos nos organizar pra vitória, pra uma vitória geral, mas sem violência, nós queremos é a vitória de nossa luta.” O homem do campo estava se sentindo com força e organizado. Elizabeth expressa: A nossa luta não é luta de matar latifundiário. A gente vai tomar o poder conscientizando e organizando o homem do campo.

Em 64, golpe militar, estava sendo filmado no Engenho Galiléia – PE/terra conquistada pelos camponeses – o filme “Cabra Marcado Para Morrer” pelo Coletivo de Cultura da UNE com o fim de denunciar o assassinato de João Pedro Teixeira. Foi filmado o ato público em protesto pelo assassinato de João Pedro em Sapé. O diretor do filme, Eduardo Coutinho, gostaria de retratar a vida do lutador João Pedro e a história das Ligas com as pessoas reais, os sujeitos da história, a Elizabeth representaria a si mesma. A princípio iria-se filmar tudo em Sapé, todavia depois de um conflito no município de Mari aonde morreram 11 pessoas entre capangas, camponeses e policiais; o governo não aceita mais as gravações dentro do estado da Paraíba.

Nas terras de Pernambuco o governador Miguel Arraes concordou que se filmasse no Engenho Galiléia – desapropriada pela luta do homem do campo.

Foi terrível a violência
Que do Golpe se arrecada:
Prisões, mortes e torturas
Sua família destrocada
Ela tem que se exilar
Ficar longe do seu lar
Quinze anos sem ver nada...

Em 31 de março de 1964, nas filmagens, o Exército invade o Engenho. “A gente deixou tudo pra trás, roupas, calçados, material do filme, entramos numa mata. Passamos a noite. No outro dia, decidimos sair, mas sem voltar pra Galiléia. Chegamos em Recife e lá me escondi na casa de um parente do Vladimir de Carvalho.” Não podendo ficar lá seguiu para Jaboatão aonde ficou escondida dias. “Passei um mês do quarto pro banheiro, do banheiro pro quarto. Um dia eu vi, no jornal, meu nome num edital de convocação, convocando meu nome pra comparecer no quartel. Eu só pensava nos meus filhos. Meu Deus, o que será deles, estão vivos? Estão mortos?”

“Eu soube que, quando houve o Golpe, a polícia foi lá em casa à minha procura. Como não estava, eles botaram fogo em tudo.” “Eu estava desesperada pra ter notícias dos meus filhos. Então decidi vir pra João Pessoa e me apresentar, antes que a polícia me achasse, porque achava que seria muito pior. Se fosse hoje, eu não faria isso de novo.”

Foi apresentar-se no Grupamento de Engenharia do Exército. “Fui logo presa pelas costas, metralhadora apontada na minha cabeça e jogada dentro de uma cela da prisão.” Após três dias começou seu interrogatório. Passara 3 meses e 24 dias presa, no entanto, não havendo motivos para enquadrá-la na lei, foi liberada. “Tudo que eu fazia era em protesto contra o assassinato do meu marido e em protesto contra a violência no campo”.

Na casa de seu pai, quando os latifundiários ficaram sabendo que estava em Sapé, se uniram e mandaram seus capangas para matá-la. “Eu estava num dos quartos, junto com minha mãe. Ela suplicou que eles não atirassem em mim dentro de casa.” Bravou Elizabeth: “Daqui não saio. Se quiserem me matar, que me mantem aqui. Esta será mais uma das covardias que vocês costumam fazer.”

A polícia logo soube que ela estava na casa de seu pai. “Não admitiam de jeito nenhum que meu pai aceitasse na casa dele uma comunista, que andava acompanhada de um bocado de homens fazendo agitação no campo.” Os policiais cercaram a casa. Elizabeth suplica ao seu pai para não deixá-la ser presa. Ele falou com o coronel e assinou papéis se responsabilizando por ela. “Quando eles saíram, eu fiquei pensando, o que é que vou fazer da minha vida? Pensei em entrar no depósito do meu pai e pegar uma corda pra me enforcar. Mas quando eu olhava meus dois filhos menores que estavam ali...”

Elizabeth e seu irmão planejam sua fuga. “Antes do clarear do dia saí. Consegui uma roupa estampada, uma saia comprida de chita, uma blusa de manga comprida e um pano amarrado na cabeça. Levei comigo meu filho Carlos, cheguei em João Pessoa e entrei em contato com meu filho Abraão.”

Por ser o mais parecido com o pai, Carlos fora rejeitado pelos familiares, Elizabeth lamenta: “ eu sofri por ver meu filho rejeitado por minha família. Meu desespero foi tão grande que cheguei a ficar no meio da estrada, eu e ele, para um carro passar por cima de mim e por cima dele. Mas ele agarrou a minha saia e começou a chorar. Ele so tinha seis anos, nesse momento eu me abracei com ele e decidi que eu ia viver e que ele ficaria comigo.”

Abraão estudava em João Pessoa. “Pedi que comprasse uma passagem de onibus com destino a Recife, com o nome de Luíza. Não deixei Abraão me acompanhar. Chorando muito a gente se despediu.”

No mesmo dia que viaja à Recife a casa de seu pai é invadida pelo Exército a sua procura.

Antes de chegar em Recife, salta do onibus e vai para casa de companheiros. “Sem ter onde ficar, sabendo que a situação em Pernambuco estava igual ou pior que na Paraíba, eu não tinha outra escolha. Conheci um caminhoneiro que estava voltando para o Rio Grande do Norte. Ele me viu chorando e perguntou o que era. Uma companheira disse que eu era uma empregada doméstica, que estava com esse filho e que os patrões não aceitavam mais que eu trabalhasse na casa por causa do menino.”

Ele pergunta: “ela tem coragem de trabalhar apanhando feijão? Lá na fazenda (São Rafael – RN) de Jaques Clementino de Medeiros, o feijão está se perdendo. O

serviço é apanhar feijão. De manhã tem coalhada, ao meio-dia tem feijão macassa com torresmo de porco e de noite tem batata com coalhada.”

Elizabeth: “Eu estava só com a roupa em cima do couro e o Carlos também. Eu vou! Coragem pra trabalhar eu tenho! Fui pra lá viver apanhando feijão no campo. Trabalhava o dia inteiro e quando chegava de noite, só tinha uma redinha pra dormir. Não tinha roupa pra trocar. Foi difícil, eu sofri muito. Meu menino me acompanhava. Eu ia pro roçado e ele ia comigo, ficava debaixo de um pé de pau, comia do que eu comia. Logo depois, o velho chamou ele pra pastorear umas vacas de leite. Com seis anos, ele começou a trabalhar.”

Seu exílio – São Rafael

Enfrentou com valentia

Lavadeira, professora

De tudo ela padecia

Mas, enfim, sobreviveu

Reencontra filhos seus

Só depois da Anistia

A vida em São Rafael...dolorosa, trabalhosa...colheitas de feijão, colheitas de batata, lavadeira de roupa no rio Açu... “depois de alguns anos nessa vida, adoeci, fiquei em cima de uma rede, sem poder lavar roupa. Mas os vizinhos não me deixaram passar fome.”

Não havendo acesso a serviços de saúde fora aconselhada por vizinhos a procurar o candidato que estava em campanha para as eleições na cidade. “Chegando lá no escritório, eu disse que queria falar com seu Marques Soares. Disse a ele que era de Pernambuco e que eu nunca tinha votado, queria tirar o título de eleitor e ter uma assistência por causa do meu estado de saúde.”

Em São Rafael passou a ser Marta Maria da Costa. “Marta era o nome da minha filha, mas era também um nome muito parecido com mártir, com alguém sofredor, perseguido...”

O candidato a encaminhou ao hospital, ficando internada por oito dias. Depois ela retornou ao escritório dele para que o mesmo conseguisse seus remédios. Também não tendo o que comer e sem poder trabalhar, conseguiu uma feira do armazém. “Ali na cidade tudo era dominado por ele, açougue, farmacia, armazem, tudo. Ele era um fazendeiro muito rico. Mas deixa que eu não votei nele não. Votar em latifundiário? Eu? Ora, se eu já estava ali, naquelas condições, por conta do latifúndio...”

Melhora e volta a lavar roupa para sobreviver. Mas sua pele começa a criar manchas vermelhas devido à exposição ao sol. “O médico já tinha avisado que eu não podia apanhar sol. Mas eu não podia dixer de lavar roupa, que era meu sustento.”

Pensa, então, que poderia ensinar pois havia alguma experiência em alfabetizar: “em 1962, logo depois da morte de João Pedro, eu tinha uma escola em minha casa. Toda noite, eram crianças, rapazes e adultos vinham até minha casa pra se alfabetizar. Naquele tempo a gente recebia um rádio, as cartilhas, os cadernos e as aulas eram dadas pelo rádio. Eu ouvia a palavra no rádio, colocava no quadro e os meninos tiravam do quadro e escreviam no caderno, eu ia corrigir se estava certo. Foi assim que eu alfabetizei durante dois anos.”

Decide fazer esse trabalho de alfabetização em São Rafael: “eu via um bocado de criança sem escola, sem saber ler nem escrever, precisando ser alfabetizada. Falei com as mães, se elas aceitassem de eu iniciar uma classe de alfabetização ali, porque o grupo escolar era longe e que as crianças não podiam frequentar. Todas aceitaram. Dali eu tirava o meu sustento”.

“Foram anos de muita solidão, de muito sofrimento. Eu sentia muita saudade, muita vontade de saber como meus filhos estavam. Mas sabia que se eu voltasse seria presa, que a polícia estava me aguardando.”

“Uma ocasião, quando trabalhava na fazenda no RN, o desespero era tanto que cheguei a botar uma corda num pé de pau e trepei numa pedra, na beira de um riacho. Eram seis horas da tarde, eu tinha deixado o menino comendo umas batatas... É muito difícil você trabalhar no alagado, na terra quente, arrancando batata, as unhas caíram todas, o sol ardendo na pele...eu cheguei e fui me aproximando da pedra, o laço já estava pronto, eu tinha jogado as duas pernas da corda e fiz o laço, mas no momento que eu botei o laço na cabeça e que ia me jogar da pedra, eu olhei e vi um vulto, azul, no mesmo galho que estava a corda. Era como se fosse uma mulher, com os pés descalços, bem alvinhos os pés dela, vestida de azul e com um menino nos braços. Eu ouvi o choro do menino, o vento, o vento frio, não sabia se o choro era daquele menino ou do meu filho que estava em casa.”

Depois de alguns anos em São Rafael começou a se aproximar do sindicato dos trabalhadores rurais da cidade. “O presidente do sindicato conhecia a história de João Pedro, mas ele não sabia quem eu era.”

Por ser uma educadora popular, os estudantes sempre a procuravam para ajudá-los quando tinham “problemas” escolares: “uma ocasião me procuraram para ajudar a fazer umas faixas de protesto contra o governo e o governador do Rio Grande do Norte, Lavoisier Maia, que ia visitar São Rafael.” Também relata que “na alfabetização das crianças, procurava mostrar as causas dos problemas do trabalhador.”

Em sua vivência em São Rafael acompanhou também o início dos processos da resistência popular em relação ao projeto de construção da “Barragem de Açú”.

O período Pós-1979, apresenta como marco o início das obras de implantação do “Projeto Baixo-Açú”, com a construção da Barragem “Armando Ribeiro Gonçalves” que vai determinar o processo de queda da extração da cera de carnaúba já bastante acentuado no Vale do Açú. Para Albano (2009) esse Projeto foi concebido como um conjunto de três fases distintas, a saber: 1ª Fase - correspondia à construção da Barragem “Armando Ribeiro Gonçalves”, no leito do rio Piranhas-Açú, com capacidade para acumular uma estimativa de 2,4 milhões de m³ de água e um prazo de execução de três anos; 2ª Fase - correspondente ao assentamento, a montante da Barragem, da

população desalojada pela inundação das terras. Como forma de sobrevivência, em tese, as famílias seriam beneficiadas com a implantação de um pólo pesqueiro; e, finalmente, a 3ª Fase - que constaria da instalação, na Bacia de Irrigação, a jusante da Barragem, do Projeto de Assentamento de Irrigantes, em uma área de 22.000 ha, em áreas aluvionais.

O referido Projeto também tinha o objetivo de implantar na região do Baixo-Açu uma agricultura de mercado, em bases empresariais e com razoável nível de produtividade. No ano de 1975, é dado início ao processo de desapropriação nas áreas de influência do Projeto Baixo-Açu (São Rafael, Jucurutu, Açu, Ipanguaçu).

Com esses atos e desapropriações, o Governo estava formando assim uma nova conformação da estrutura fundiária dos municípios atingidos, principalmente Açu e Ipanguaçu. Mas vai ser com a presença de agentes do grande capital, comprando terras, que se vai possibilitar o estabelecimento de um mercado de terras, cuja dinâmica jamais tinha sido imaginada na região. Com a implantação do Projeto e a construção da Barragem “Armando Ribeiro”, registra-se um descumprimento geral do objetivo de implantar um perímetro irrigado para os desapropriados e para os agricultores da região (ALBANO, 2009).

Como retratam Albano e Sá (2009), na verdade, o Estado só colocou em prática a primeira fase do Projeto Baixo-Açu, que consistiu na construção da Barragem “Armando Ribeiro Gonçalves”, iniciada em 1979 e concluída em maio de 1983. As duas outras fases foram “esquecidas”. A construção da Barragem de Açu teve um gigantesco impacto ambiental, com desaparecimento imediato de 5000 ha de matas de carnaúba, áreas de mineração (mármore), sítios arqueológicos, aumento da capacidade erosiva do solo de aluvião, devido este não receber mais água e nutrientes do rio, o que acontecia em épocas de cheias. A agricultura de subsistência também diminuiu muito com a Barragem e, depois dela, com as compras de terras pelas grandes empresas rurais interessadas em produzir monoculturas para exportação ou para o mercado interno, formando assim uma nova estrutura fundiária de caráter empresarial.

Uma Sem-terra, uma atingida por Barragem... traços das contradições da exploração que permearam sua vida. Em São Rafael o sindicato rural mobiliza a comunidade questionando a construção da Barragem. Elizabeth, no momento Marta, acompanha de perto o processo.

Anos depois a notícia de que Marta na verdade é Elizabeth Teixeira se espalha. E o documentarista Eduardo Coutinho a encontra em São Rafael e a convida para terminarem o filme sobre a história de João Pedro Teixeira.

Seu filho mais velho, Abraão, a reencontra: “A benção, mamãe! A partir desse momento, a senhora está convidada a morar comigo.” Elizabeth: “Minha emoção foi grande demais; olhava pra Abraão e custava a acreditar que o dia de rever meus filhos tinha chegado.” No dia 3 de março de 1981 viaja com destino a Patos/PB a onde passa a morar com Abraão até 1985.

Em 15 de março do mesmo ano vai visitar seus filhos em Sapé. O reencontro com João Pedro Teixeira Filho, criado pelo pai de Elizabeth, e com Maria das Neves que morava próximo ao avó.

Em 1983 é convidada por Eduardo Coutinho a apresentar o projeto do filme “Cabra Marcado para Morrer” em Brasília. De lá, recebe ajuda de D. Luciano Mendes para ir ao Rio de Janeiro reencontrar Jose Eudes, Marta e Marinês. “Em cada reencontro, voltava tudo na minha cabeça, a dor de me ver obrigada a deixar meus filhos, deixar tudo pra trás.”

Após a morte de João Pedro, o governo de Cuba manda telegrama de pêsames e decreta luto oficial. Ela relata que Fidel Castro envia um convite oferecendo uma bolsa de estudos em Havana para um dos filhos de João Pedro Teixeira, o Isaac vai a Cuba estudar medicina.

Em 1963, Fidel Castro a convida para visitar seu filho. Chega em Havana no dia 25 de julho e acompanha a comemoração da Revolução Cubana no dia seguinte. “Eu me lembro do ato público que Fidel fez na Praça José Martí, da juventude, do desfile feminino; visitei as fábricas de charutos, as usinas de açúcar no campo; perguntava aos trabalhadores se estavam gostando, eles diziam que sim, que antes da Revolução sofriam muito.”

Participa de reuniões com Fidel, com Che Guevara, fala: “ele quis saber das lutas dos trabalhadores aqui no Brasil, e também contou como foi a luta deles até a tomada do poder, o tempo que ficaram na Serra...” Fidel a convida para morar em Cuba com todos os seus filhos recebendo assistência do governo cubano. “Mas, naquela época, eu achava que a minha luta era mesmo no Brasil, na Paraíba, que devia continuar protestando contra o assassinato de João Pedro, continuar a luta no campo.”

Durante o período em que ficou presa no Grupamento de Engenharia foi duramente questionada por sua viagem a Cuba. “Queriam saber o que tinha ido fazer lá, como era o governo de lá, quais as ligações de Cuba com o movimento camponês daqui.” Questionam os telegramas assinados por ela em solidariedade à Revolução Cubana. Elizabeth responde: “se Cuba ficou independente, se o país conseguiu se libertar, se eles tiveram vitória, eu tinha mais que mandar um telegrama de apoio à luta deles!”. “Então a senhora está com Fidel?”. “não, eu não estou com Fidel, estou do lado dos meus companheiros do campo que lida por um pedaço de terra pra se sustentar seus filhos, sua família; eu sou brasileira e estou com os brasileiros!”

Tentam de todas as maneiras enquadrá-la na Lei de Segurança Nacional. “Mas você estava em Pernambuco, na Galiléia, preparando a guerrilha.” Rebate: “estava não, senhor! A gente estava lá preparando um filme sobre a vida de João Pedro, protestando contra seu assassinato.”

Seu filho José Eudes, nascido em 29 de janeiro de 1959, cujo nome fora trocado, chamava-se Lenine, deseja dar continuidade à luta dos camponeses. Funda em 1987 a Associação João Pedro Teixeira em Sapé com o objetivo de ajudar os trabalhadores do campo e a construção de um armazém comunitário. Tenta construir o busto de João Pedro Teixeira no local onde tombou. Zé Eudes compartilha com mãe: “fico revoltado de ver crianças de menos de um ano morrendo de fome. A situação no campo está muito difícil, mamãe, eu preciso da sua ajuda, da sua experiência pra que eu possa melhor trabalhar na Associação.”

Elizabeth relata que a família estava revoltada de novo: “Zé Eudes tinha criado uma associação no campo pra lutar em defesa dos trabalhadores, pra conseguir alimento

para os filhos daqueles camponeses que estavam morrendo de fome. Como se não bastasse essa movimentação, queria fazer um busto do pai no lugar aonde tinha sido assassinado.”

Na manhã do dia 26 de setembro de 1988, Elizabeth conversa com seus filhos Zé Eudes e Maria José, quando chega o caçula numa moto João Pedro Filho. Furioso diz que Zé Eudes estava recebendo dinheiro da Rússia, de Cuba, com idéias de Reforma Agrária, e que como neto de Manoel Justino não admitia que ele tivesse fundado a associação, provoca: “você mora no que é meu, fui eu que construí esta casa”. Elizabeth se aproxima: “meu filho, não se trata de discutir o que é meu e o que é teu, eu só quero a união de vocês.”

“eu não sei com que rapidez ele sacou o revólver e disparou. Com o primeiro tiro ele matou o irmão.” Maria José desmaia. Elizabeth grita: “como é que você pode? Como é que você fez isso? Como você pode matar seu irmão? Meu Deus! Isso é uma loucura.”

Depois que deu o último tiro, carrega o revólver e vira-se para Elizabeth: “A senhora tem que respeitar Manoel Justino. Foi ele quem criou os teus filhos!”

“Me debrucei sobre o corpo de Zé Eudes e vi que ele estava morto. Corri pra junto de Maria José e ela estava desmaiada. Eu não conseguia chorar. Só repetia, minha Nossa Senhora! Como pode um irmão tirar a vida do outro?”. “Depois da morte do meu filho, fiquei doente, não podia dormir, minha cabeça doía, parecia que ia explodir.”

João Pedro Filho foi criado pelo pai de Elizabeth: “Maniel Justino criou esse menino no ódio. Minha família odiava João Pedro e a mim também, por causa da luta. Meu pai criou esse menino analfabeto, ele nunca teve escola.”

Foi até Manaus para o lançamento do filme “Cabra marcado para morrer”. No Rio de Janeiro foi homenageada pelo grupo “Tortura Nunca Mais” com a medalha Chico Mendes. Em 1989 foi convidada por um jornalista suíço para visitar o país e fazer uma série de palestras com os grupos da Suíça.

“Meus filhos sofreram muita humilhação. Da família, da polícia... Maria José me contou que eles chegaram e reviraram tudo dentro de casa, que pegaram as crianças e fizeram um fila, tudo chorando de medo, e que eles ficaram discutindo se queimavam ou não queimava as crianças.” Segundo Elizabeth a polícia chegava: “-Queima! A ordem que eu trouxe foi pra queimar!”

“Para uma mãe, isso tudo é muito duro. Eu não tive o direito de criar os meus filhos, eu não tive o direito de envelhecer ao lado do meu marido, eu vi um filho meu tirar a vida do outro. Pra uma mulher que passou tudo o que eu passei, ela já não tem mais o direito de sorrir. Mas o ideal dentro de mim ainda é vivo, embora que o sofrimento não tenha terminado, ele não termina nunca” – suspira Elizabeth.

Depoimentos de Elizabeth Teixeira - vozes de rebeldia

“...enquanto eu for viva eu não vou me esquecer nunca de João Pedro, uma pessoa que teve tanta coisa pra me ensinar, pra me ajudar a viver, pra me ajudar a ver que num país capitalista como o nosso, só tem valor quem tem dinheiro, só merece consideração quem tem o poder. E eu saí desse meio, de quem só olhava o poder e o dinheiro. Eu vivi com João Pedro, aprendi muito com ele e não estou arrependida. Não tenho arrependimento dentro de mim por ter enfrentado a mesma luta dele, por ter sido obrigada a passar dezessete anos escondida, trabalhando de sol a sol pra sobreviver. Eu não tenho arrependimento de ter casado com João Pedro e de ter enfrentado toda essa batalha, uma batalha que ainda não terminou, uma luta que é muito difícil para as companheiras e companheiros que estão dando continuidade à luta. Eu vejo que é muito difícil eles enfrentarem essa batalha, dentro dum país capitalista como esse, com o poder dominante do latifúndio e da burguesia.”

“Naquela época, quando as Ligas iniciaram, havia um movimento forte, mesmo com toda a violência do latifúndio. Uma organização muito forte no campo, uma solidariedade muito forte do trabalhador do campo com o trabalhador da cidade.”

“Depois do golpe militar de 64, a repressão no campo foi dura. Eles cascavilhavam as casas dos camponeses atrás da carteirinha da Liga. Quem tivesse a carteira de associado na Liga era preso, torturado, ameaçados. O medo se espalhou.”

“Um país que não produz o que comer, não sobrevive. A terra tem que produzir. A terra não foi feita pra ficar parada, pra render dinheiro e poder pro latifúndio. E quem é que produz na terra? É o trabalhador do campo, é ele quem sabe plantar, quem sabe colher, que sabe trazer a produção do campo para cidade. A falta de terra pra trabalhar não é somente uma injustiça muito grande, ela é a verdadeira causa da desgraça que atinge o homem do campo.”

“O medo que eu tenho é ver tanta miséria, é o medo da fome e da miséria espalhada por esse Brasil, medo de ver tanta criança morrendo de fome. A luta tem que continuar, com lágrimas ou sem lágrimas, com dor ou sem dor, a luta tem que continuar, a gente tem que enfrentar. Morrer! Isso é coisa que acontece na nossa vida, é a dificuldade da vida. Naquela época eu podia ter morrido de um tiro ou de um outro problema qualquer. Por isso a gente tem que enfrentar a luta, não tem que se esmorecer não. Eu acho que a juventude de hoje tem que se entrosar numa luta pra mudar esse país, mudar esses governantes que estão aí mudar a situação de miséria que está implantada no nosso Brasil.”

“Tudo o que eu fiz foi pra protestar contra o abandono, a falta de educação, a falta de saúde. Eram milhares de companheiros que morriam no campo por falta de assistência médica, as mulheres morriam de parto numa esteira em cima do chão batido. A minha tendência era essa, protestar. A minha vontade era participar das caminhadas junto com o homem do campo, participar dos atos públicos, denunciar a escravidão e a miséria que tinha se implantado dentro do nosso país.”

“Hoje se fala muito em democracia. Mas nós não temos democracia. Democracia com o povo morrendo de fome? Com o homem do campo sem terra? Cada dia que se passa, migrando mais e mais para as cidades? Se existisse democracia em nosso país, existiria terra para que o homem do campo pudesse fixar-se na terra, trabalhar, produzir, manter seus filhos. Como se pode falar em democracia com o homem do campo sendo despejado da terra, saindo sem destino, se marginalizando nas

periferias das cidades, morrendo de fome, com os filhos marginalizados? Que democracia é esta? A tendência é que a miséria vai crescer, crescer.”

“A luta aqui não para, a mesma necessidade de 64 está plantada, ela não fugiu 1 mm. A mesma necessidade na vida do operário, do home do campo, dos estudantes, a luta não pode parar! Enquanto existir fome e salário de miséria o povo tem que lutar. Quem tem condições, quem tem boa vida, que fique aí...Eu que vivo sofrendo, tenho que lutar! É preciso mudar o regime, é preciso que o povo o mude! Enquanto existir essa democracia, esse regime aí...Democracia sem liberdade? Democracia com um salário de miséria e de fome? Democracia em que o filho do operário e do camponês não tem direito de estudar?”⁶

“Como mulher, eu vivi vinte anos ao lado dele. Como militante eu tive muita satisfação de dar continuidade à luta, de assumir a luta do homem do campo e de enfrentar o latifúndio. Tudo o que se passou na minha vida: como mulher, como mãe, como esposa, como militante foi muito válido e eu não me arrependo de nada.”

“O passado de um povo, é o passado de uma nação. A história da luta de um povo”.

“Nunca houve vitória sem luta. Sabemos que temos que continuar lutando e que todas as lutas são difíceis.”

Referências

ALBANO, G. P.; SÁ, A. J. **Vale do açu-RN: a passagem do extrativismo da carnaúba para a monocultura de banana.** *Revista de Geografia*. Recife: UFPE – DCG/NAPA, v. 26, n. 3, set/dez. 2009.

BANDEIRA, L.M.; SILVEIRA, R.M.G.; MIELE, N. (Orgs.). **Eu marcharei na tua luta: A vida de Elizabeth Teixeira.** João Pessoa: editora universitária/UFPB, 1997.

BENEVIDES, Cezar. **Camponeses em marcha.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

IASI, M. L. **Ensaio sobre consciência e emancipação.** São Paulo: Expressão Popular, 2007.

MAZZEO, Miguel. **Invitación al descubrimiento: José Carlos Mariátegui y el socialismo de Nuestra América.** Buenos Aires: El Coletivo, 2008.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **Ligas Camponesas e sindicatos rurais em tempo de revolução.** In: O Brasil Republicano 3. *O tempo da Experiência democrática.* Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2003.

POMAR, P. E. R. **Comunicação, cultura de esquerda e contra-hegemonia: o jornal Hoje (1945-1952).** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da

⁶ Depoimento de Elizabeth Teixeira em 1983 na clandestinidade em São Rafael-RN, extraído do filme “Cabra Marcado para Morrer”, de Eduardo Coutinho.

Comunicação, linha de pesquisa Interfaces Sociais da Comunicação, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. 2006

STEDILE, J.P.; FERNANDES, B.M. **Brava Gente – A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**. São Paulo: editora Perseu Abramo, 2005.

VANDECK, Santiago. **Francisco Julião: luta, paixão e morte de um agitador**. (Série Perfil Parlamentar Século XX, 8). Recife: Assembléia Legislativa, 2001.